

Nota preliminar dos tradutores

ANALYTICA

volume2
número1
1997

A tradução do primeiro livro dos *Principia Philosophiae* de R. Descartes é um trabalho coletivo do *Seminário Filosofia da Linguagem*. Dele participaram os seguintes membros do SFL: Raul Landim Filho, Ethel Menezes Rocha, Marcos Gleizer e Guido Antônio de Almeida (coordenador da tradução). Também deram sua contribuição os pesquisadores Ulysses Pinheiro e Simone Brantes. Agradecemos aos professores Jean-Marie Beyssade, Michelle Beyssade e Marco Zingano, que foram consultados sobre algumas dificuldades de interpretação e tradução do texto cartesiano.

A publicação na revista *Analytica* de uma parte dessa tradução (§§ 1-24) tem um objetivo experimental, que é o de colher sugestões e críticas antes da publicação do texto definitivo.

Não há, para a maioria das expressões de uma língua, uma maneira de traduzir que possa ser considerada a única possível. Isso acarreta que nenhuma tradução pode atingir aquele ideal de perfeição que lhe permitiria ser considerada *a* tradução. Por esmerada que seja, uma tradução não passa de uma aproximação mais ou menos bem sucedida desse ideal. No caso de um texto filosófico, acreditamos que a melhor aproximação é a tradução tão literal quanto possível, isto é, tanto quanto o permita o bom estilo e a facilidade de compreensão. Numa palavra: um português castiço e fluente. Com efeito, uma tradução literal, ou tão literal quanto possível, diminui ao mínimo as decisões interpretativas e assegura assim ao leitor que não conhece a língua do autor não só a compreensão do que ele quis dizer, mas também - e isso tem sua importância na Filosofia - do modo como ele quis dizê-lo.

Além disso, acreditamos que uma tradução literal (nos limites indicados) também aproveita a quem já possui um certo domínio da língua do autor, mas que ainda precisa de uma tradução confiável para guiá-lo nos passos de sua leitura, e isso não só no que toca à compreensão das palavras isoladas, mas sobretudo no que respeita à estrutura das frases. Para esse fim, de resto, achamos útil pôr entre colchetes [] em nossa tradução as palavras que não correspondem diretamente a nenhuma expressão

usada no original, mas que acreditamos estarem implícitas e ser útil explicitar, seja para facilitar a compreensão, seja por razões meramente estilísticas.

Em consequência dessa opção pela literalidade, a tradução que aqui apresentamos está mais próxima do espírito com que o Duque de Luynes pôs em francês as *Meditationes de Prima Philosophia*, do que da tradução francesa dos *Principia* pelo padre Picot. Esta é, muitas vezes uma bela paráfrase que não hesita diante de interpolações para aclarar ou completar o sentido do texto original. Nem por isso, é verdade, a tradução do padre Picot deixa de ser uma boa tradução, a qual, aliás, foi feita, como se sabe, com o conhecimento senão com a aprovação de Descartes. Acreditamos, porém, que um leitor, interessado em encontrar por si mesmo o sentido da filosofia cartesiana a partir das palavras mesmas de seu autor, também há de considerar proveitosa uma tradução mais literal, como a que nos propusemos fazer.

O texto latino aqui reproduzido é o da primeira edição (1644), segundo a edição fac-símile de J.R. Armogathe e G. Belgioioso, publicada na Itália em 1994 por Conte Editore. A ortografia foi atualizada, embora a pontuação tenha sido mantida.

I

*Veritatem inquirenti, semel in vita de omnibus,
quantum fieri potest, esse dubitandum.*

Quoniam infantes nati sumus, & varia de rebus sensibilibus judicia prius tulimus, quam integrum nostrae rationis usum haberemus, multis praejudiciis a veri cognitione avertimur; quibus non aliter videmur posse liberari, quam si semel in vita, de iis omnibus studeamus dubitare, in quibus vel minimam incertitudinis suspicionem reperiemus.

II

Dubia etiam pro falsis habenda.

Quin & illa etiam, de quibus dubitabimus, utile erit habere pro falsis, ut tanto clarius, quidnam certissimum & cognitu facillimum sit, inveniamus.

III

Hanc interim dubitationem ad usum vitae non esse referendam.

Sed haec interim dubitatio ad solam contemplationem veritatis est restringenda. Nam quantum ad usum vitae, quia persaepe rerum agendarum occasio praeteriret, antequam nos dubiis nostris exsolvere possemus; non raro

I

*Que é preciso, uma vez na vida, para quem investiga a verdade,
duvidar de todas as coisas, tanto quanto possível.*

Visto que nascemos ingênuos¹ e fizemos vários juízos acerca das coisas sensíveis antes de ter o uso pleno de nossa razão, vemo-nos desviados por muitos prejuízos do conhecimento da verdade, dos quais parece que não podemos ser liberados de outra maneira senão aplicando-nos uma vez na vida a duvidar de todas as coisas nas quais encontremos a menor suspeita de incerteza.

II

Que é preciso até mesmo ter por falsas as coisas duvidosas.

Mais ainda, será mesmo útil ter por falsas as coisas de que duvidarmos, a fim de descobrirmos com tanto maior clareza o que afinal é o mais certo e o mais fácil de conhecer.

III

Que, neste íterim, não se deve transferir essa dúvida à prática da vida.

Mas, neste íterim, essa dúvida deve ser restringida tão somente à contemplação da verdade. Pois, quanto à prática da vida, visto que muitíssimas vezes a ocasião de agir passaria antes que pudéssemos nos desvencilhar de nossas dúvidas, não raro somos forçados a adotar o que é apenas verossímil, ou até mesmo,

(1) Ver no Glossário nota (1) sobre a tradução da palavra “infans”.

ainda que de duas coisas nenhuma pareça mais verossímil do que a outra, [somos forçados] por vezes, a escolher, no entanto, uma ou outra.

IV

Por que podemos duvidar das coisas sensíveis.

Agora, pois, como estamos empenhados tão somente na busca da verdade, duvidaremos, antes de mais nada, de que existam quaisquer coisas sensíveis ou imagináveis. Primeiro, porque constatamos que os sentidos às vezes erram e é de prudência nunca confiar em demasia naqueles que nos iludiram uma vez sequer. Depois, porque todos os dias, nos sonhos, parece que sentimos ou imaginamos inúmeras coisas que não existem em lugar algum, e nenhum sinal se mostra a quem assim duvida que sirva para distinguir ao certo o sono da vigília.

V

Por que [podemos duvidar] até mesmo das demonstrações matemáticas.

Duvidaremos também das demais coisas que tivemos antes como as mais certas, mesmo das demonstrações matemáticas, até mesmo dos princípios que até agora pretendemos ser por si conhecidos, não só porque vimos que alguns erraram, às vezes, em tais coisas² e admitiram como certíssimas e por si conhecidas coisas que a nós pareciam falsas, mas, sobretudo, porque ouvimos dizer que

(2) "...vidimus aliquando nonnullos errasse in talibus...". a ordem das palavras admite uma outra tradução, ligando "aliquando" a "vidimus" e não a "errasse", a saber, "vimos às vezes que alguns erraram". A passagem correspondente na Primeira Meditação "...judico interdum alios errare..." (AT. v. VII, p. 21, l. 7-8.) também pode ser construída de duas maneiras: assim, o que o duc de Luynes traduzira por "...je juge quelquefois que les autres se méprennent..." (AT, v. IX, p. 16, l. 21) foi retraduzido por M. Beyssade por "... je juge que d'autres quelquefois s'égarerent..." Descartes, Méditations Métaphysiques, tradução M. Beyssade, Paris, Livre de Poche, 1990, p. 41 .

quod tantum est verisimile cogimur amplecti; vel etiam interdum, etsi e duobus unum altero verisimilius non appareat, alterutrum tamen eligere.

IV

Cur possimus dubitare de rebus sensibilibus.

Nunc itaque cum tantum veritati quaerendae incumbamus, dubitabimus inprimis, an ullae res sensibiles aut imaginabiles existant: Primo, quiaprehendimus interdum sensus errare, ac prudentiae est nunquam nimis fidere iis, qui nos vel semel deceperunt: Deinde, quia quotidie in somnis innumera videmur sentire aut imaginari, quae nusquam sunt; nullaue sic dubitanti signa apparent, quibus somnum a vigilia certo dignoscat.

V

Cur etiam de Mathematicis demonstrationibus.

Dubitabimus etiam de reliquis, quae antea pro maxime certis habuimus; etiam de Mathematicis demonstrationibus, etiam de iis principiis, quae hactenus putavimus esse per se nota; tum quia vidimus aliquando nonnullos errasse in talibus, & quaedam pro certissimis ac per se notis admisisse, quae nobis falsa videbantur; tum maxime quia audivimus esse Deum, qui potest

omnia, & a quo sumus creati. Ignoramus enim, an forte nos tales creare voluerit ut semper fallamur, etiam in iis quae nobis quam notissima apparent; quia non minus hoc videtur fieri potuisse, quam ut interdum fallamur, quod contingere ante advertimus. Atque si non a Deo potentissimo, sed vel a nobis ipsis, vel a quovis alio nos esse fingamus, quo minus potentem originis nostrae authorem assignabimus, tanto magis erit credibile, nos tam imperfectos esse, ut semper fallamur.

VI

*Nos habere liberum arbitrium, ad cohibendum assensum
in dubiis, sicque ad errorem vitandum.*

Sed interim a quocunque tandem simus, & quantumvis ille sit potens, quantumvis fallax; hanc nihilominus in nobis libertatem esse experimur, ut semper ab iis credendis, quae non plane certa sunt & explorata, possimus abstinere; atque ita cavere, ne unquam erremus.

VII

*Non posse a nobis dubitari, quin existamus dum dubitamus:
atque hoc esse primum, quod ordine philosophando cognoscimus.*

Sic autem rejicientes illa omnia, de quibus aliquo modo possumus dubitare, ac etiam falsa esse fingentes; facile quidem supponimus nullum esse Deum, nullum coelum, nulla corpora; nosque etiam ipsos non habere manus, nec pedes, nec denique ullum corpus; non autem ideo nos qui talia cogitamus nihil esse: repugnat enim, ut putemus id quod cogitat, eo ipso tempore quo cogitat, non

existe um Deus, que pode tudo, e por quem fomos criados. Ignoramos, pois, se ele acaso quis criar-nos tais que sempre nos enganemos, até mesmo naquelas coisas que nos aparecem como as mais conhecidas de todas, porque não parece menos possível que isso tenha ocorrido do que [ter-nos criado tais que] nos enganemos às vezes, o que antes notamos acontecer. E mesmo se fingirmos que existimos, não por Deus todo-poderoso, mas ou por nós mesmos, ou por qualquer outro [ente], quanto menos poderoso for o autor a quem atribuímos nossa origem, tanto mais se poderá acreditar que somos imperfeitos a ponto de nos enganarmos sempre.

VI

*Que temos um livre arbítrio para coibir o assentimento
no que for duvidoso e assim evitar o erro.*

Mas, neste ínterim, não importa por quem afinal existimos nem quão poderoso, quão enganador ele seja. Apesar disso, experimentamos haver em nós esta liberdade [que é tal] que podemos sempre nos abster de crer nas coisas que não são inteiramente certas e averiguadas, bem como nos acautelar de tal maneira que jamais erremos.

VII

*Que não podemos duvidar de que existimos enquanto duvidamos, e
que esta é a primeira coisa que conhecemos filosofando com ordem.*

Mas, ao rejeitar assim tudo aquilo de que podemos de algum modo duvidar e ao fingir que [o duvidoso] é até mesmo falso, decerto que facilmente supomos que nenhum Deus exista, nenhum céu, nenhum corpo e que nós próprios não tenhamos mãos, nem pés, nem enfim corpo algum; mas nem por isso [supomos] que nós, que pensamos tais coisas, nada sejamos. Pois é contraditório julgar que o que pensa, no momento mesmo em que pensa, não existe. E, por conseguinte,

existere. Ac proinde haec cognitio, *ego cogito, ergo sum*, est omnium prima & certissima, quae cuilibet ordine philosophanti occurrat.

VIII

Distinctionem inter animam & corpus, sive inter rem cogitantem & corpoream, hinc agnoscere.

Haecque optima via est ad mentis naturam, ejusque a corpore distinctionem, agnoscendam: Examinantes enim quinam simus nos, qui omnia quae a nobis diversa sunt supponimus falsa esse, perspicue videmus, nullam extensionem, nec figuram, nec motum localem, nec quid simile, quod corpori sit tribuendum, ad naturam nostram pertinere, sed cogitationem solam; quae proinde prius & certius quam ulla res corporea cognoscitur; hanc enim jam percepimus, de aliis autem adhuc dubitamus.

IX

Quid sit cogitatio.

Cogitationis nomine, intelligo illa omnia, quae nobis consciis in nobis fiunt, quatenus eorum in nobis conscientia est: Atque ita non modo intelligere, velle, imaginari, sed etiam sentire, idem est hic quod cogitare. Nam si dicam, ego video, vel ego ambulo, ergo sum; & hoc intelligam de visione, aut ambulatione, quae corpore peragitur, conclusio non est absolute certa; quia, ut saepe fit in somnis, possum putare me videre, vel ambulare, quamvis oculos non apeariam, & loco non movear, atque etiam forte, quamvis nullum habeam corpus; Sed si intelligam de ipso sensu sive conscientia videndi aut ambulandi, quia tunc refertur ad mentem, quae sola sentit, sive cogitat se videre aut ambulare, est plane certa.

este conhecimento: eu penso, logo existo é, de todos, o primeiro e o mais certo a ocorrer a quem quer que filosofe com ordem.

VIII

Que a distinção entre a alma e o corpo ou entre a coisa pensante e a corpórea vem a ser conhecida a partir daí.

E este é o melhor caminho para vir a conhecer a natureza da mente e a sua distinção do corpo. Pois, ao examinar quem afinal somos nós, que supomos serem falsas todas as coisas que são diversas de nós, vemos nitidamente que nenhuma extensão, figura, movimento local, ou algo semelhante a se atribuir ao corpo pertence à nossa natureza, mas só o pensamento, que por isso é conhecido antes e com maior certeza do que qualquer coisa corpórea, pois este já percebemos; das outras coisas, porém, ainda duvidamos.

IX

O que é o pensamento.

Pelo termo “pensamento” entendo todas aquelas coisas que, estando nós conscientes, ocorrem em nós, na medida em que há em nós uma consciência delas. E assim, não apenas entender, querer, imaginar, mas também sentir é aqui o mesmo que pensar. Pois, se eu disser: “eu vejo” ou “eu ando, logo existo” e entender isso da visão ou do andar, que se realizam com o corpo, a conclusão não é absolutamente certa, posto que, como muitas vezes ocorre nos sonhos, posso pretender que estou vendo ou andando, ainda que não abra os olhos e não saia do lugar e, talvez, até mesmo, ainda que não tenha um corpo. Mas, se eu entender isso do próprio sentido ou da consciência de ver ou de andar, ela é inteiramente certa, porque se refere neste caso à mente, que é a única a sentir ou pensar que está vendo ou andando.

X

*Quae simplicissima sunt & per se nota, definitionibus
Logicis obscuriora reddi; & talia inter cognitiones studio
acquisitas non esse numeranda.*

Non hic explico alia multa nomina, quibus jam usus sum, vel utar in sequentibus, quia per se satis nota mihi videntur. Et saepe adverti Philosophos in hoc errare, quod ea, quae simplicissima erant ac per se nota, Logicis definitionibus explicare conarentur; ita enim ipsa obscuriora reddebant. Atque ubi dixi hanc propositionem, *ego cogito, ergo sum*, esse omnium primam & certissimam, quae cuilibet ordine philosophanti occurrat, non ideo negavi, quin ante ipsam scire oporteat, quid sit cogitatio, quid existentia, quid certitudo; item quod fieri non possit, ut id quod cogitet non existat, & talia; sed quia hae sunt simplicissimae notiones, & quae solae nullius rei existentis notitiam praebent, idcirco non censui esse numerandas.

XI

Quomodo mens nostra notior sit, quam corpus.

Jam vero ut sciatur, mentem nostram non modo prius & certius, sed etiam evidentius quam corpus cognosci, notandum est, lumine naturali esse notissimum, nihili nullas esse affectiones sive qualitates; atque ideo ubicunque aliquas deprehendimus, ibi rem sive substantiam, cujus illae sint, necessario inveniri; & quo plures in eadem re sive substantia deprehendimus, tanto clarius nos illam cognoscere. Plura vero in mente nostra, quam in ulla alia re a nobis deprehendi, ex hoc manifestum est, quod nihil plane efficiat, ut aliquid aliud

X

Que as coisas que são as mais simples e por si conhecidas são tornadas mais obscuras pelas definições lógicas e que tais coisas não devem ser enumeradas entre os conhecimentos adquiridos com estudo.

Não explico aqui muitos outros termos que já usei ou usarei em seguida, porque me parecem por si bastante conhecidos. E muitas vezes notei que os filósofos erravam quando se esforçavam por explicar através de definições lógicas coisas que eram as mais simples e por si conhecidas, pois assim as tornavam mais obscuras. E, quando disse que esta proposição: eu penso, logo existo é, de todas, a primeira e a mais certa que ocorra a quem quer que filosofe com ordem, nem por isso neguei que seja necessário saber antes dela o que é pensamento, existência, certeza, do mesmo modo que é impossível que o que pensa não exista, e coisas que tais. Mas, porque estas são noções simplicíssimas e as únicas que não proporcionam conhecimento de qualquer coisa existente, por isso mesmo, não estimei que devessem ser enumeradas.

XI

De que modo nossa mente é melhor conhecida do que o corpo.

Ora, de fato, para que se saiba que nossa mente é conhecida não apenas antes e com maior certeza³, mas também com maior evidência do que o corpo, é preciso notar que é extremamente bem conhecido pela luz natural que o nada não tem afecções ou qualidades; e que, por isso, onde quer que constatem algumas, aí se encontra necessariamente uma coisa ou substância à qual pertençam; e que quanto mais [afecções ou qualidades] constatamos na mesma coisa ou substância, tanto mais claramente nós a conhecemos. Com efeito, que mais afecções ou

(3) A expressão “*prius et certius*” também foi utilizada no §8 e foi traduzida como “antes e com maior certeza” porque aí “*prius*” e “*certius*” são advérbios e no §11 são adjetivos.

cognoscamus, quin idem etiam multo certius in mentis nostrae cognitionem nos adducat. Ut si terram judico existere, ex eo quod illam tangam vel videam, certe ex hoc ipso adhuc magis mihi judicandum est mentem meam existere; fieri enim forsitan potest, ut judicem me terram tangere, quamvis terra nulla existat; non autem, ut id judicem, & mea mens quae id judicat nihil sit; atque ita de caeteris.

XII

Cur non omnibus aequè innotescat.

Nec aliam ob causam aliter visum est iis, qui non ordine philosophati sunt, quam quia mentem a corpore nunquam satis accurate distinxerunt. Et quamvis sibi certius esse putarint, se ipsos existere, quam quidquam aliud; non tamen adverterunt, per se ipsos, mentes solas hoc in loco fuisse intelligendas; sed contra potius intellexerunt sola sua corpora, quae oculis videbant, & manibus palpabant, quibusque vim sentiendi perperam tribuebant; hocque ipsos a mentis natura percipienda avocavit.

XIII

*Quo sensu reliquarum rerum cognitio a
Dei cognitione dependeat.*

Cum autem mens, quae se ipsam novit, & de aliis omnibus rebus adhuc dubitat, undiquaque circumspicit, ut cognitionem suam ulterius extendat; primo quidem invenit apud se multarum rerum ideas, quas quamdiu tantum contemplatur, nihilque ipsis simile extra se esse affirmat nec negat, falli non

qualidades sejam constatados por nós em nossa mente do que em qualquer outra coisa, fica manifesto a partir do seguinte fato: absolutamente nada faz com que conheçamos uma outra coisa sem que este conhecimento também nos leve de uma maneira muito mais certa ao conhecimento de nossa mente. Assim, por exemplo, se julgo que a terra existe a partir do fato de que a toco ou de que a vejo, certamente por isso mesmo devo julgar tanto mais que a minha mente existe. Pois, talvez possa ocorrer que eu julgue estar tocando a terra, mesmo que não exista terra alguma, mas não que eu julgue que também a minha mente, que julga isso, nada seja, e assim de outras coisas.

XII

Por que isso não vem a ser conhecido por todos igualmente.

Nem por outra razão foram de parecer diverso os que não filosofaram com ordem, senão porque jamais distinguiram a mente do corpo com bastante cuidado. E ainda que tenham considerado mais certo do que qualquer outra coisa que eles próprios existiam, não notaram, no entanto, por si mesmos, que se devia entender, neste ponto, só as mentes; mas, pelo contrário, entenderam antes somente seus corpos, que viam com os olhos e apalpavam com as mãos e aos quais atribuía incorretamente o poder de sentir; e foi isso que os desviou de perceber a natureza da mente.

XIII

Em que sentido o conhecimento das demais coisas depende do conhecimento de Deus.

Mas, quando a mente, que se conhece a si mesma e ainda duvida de todas as outras coisas, olha em redor em todas as direções para estender ainda mais seu conhecimento, ela primeiro encontra, decerto, dentro de si as idéias de muitas coisas [e] não pode se enganar durante todo o tempo em que se restringe a

potest. Invenit etiam communes quasdam notiones, & ex his varias demonstrationes componit, ad quas quamdiu attendit, omnino sibi persuadet esse veras. Sic, exempli causa, numerorum & figurarum ideas in se habet, habetque etiam inter communes notiones, *quod si aequalibus aequalia addas, quae inde exfurgent erunt aequalia*, & similes; ex quibus facile demonstratur, tres angulos trianguli aequales esse, duobus rectis, &c. ac proinde haec & talia sibi persuadet vera esse quamdiu ad praemissas, ex quibus ea deduxit, attendit. Sed quia non potest semper ad illas attendere, cum postea recordatur se nondum scire, an forte talis natura¹ creata sit, ut fallatur etiam in iis quae ipsi evidentissima apparent, videt se merito de talibus dubitare, nec ullam habere posse certam scientiam, priusquam suae authorem originis agnoverit.

XIV

Ex eo quod existentia necessaria, in nostro de Deo conceptu contineatur, recte concludi Deum existere.

Confiderans deinde inter diversas ideas, quas apud se habet, unam esse entis summe intelligentis, summe potentis & summe perfecti, quae omnium longe praecipua est, agnoscit in ipsa existentiam, non possibilem & contingentem tantum, quemadmodum in ideis aliarum omnium rerum, quas distincte percipit, sed omnino necessariam & aeternam. Atque ut ex eo quod, exempli causa,

contemplá-las e nada afirma ou nega existir fora de si semelhante a elas. Ela encontra também certas noções comuns e, a partir destas, compõe várias demonstrações, das quais está totalmente persuadida de serem verdadeiras, durante todo o tempo em que atenta para elas. Assim, por exemplo, tem dentro de si idéias de números e figuras, e também tem entre as noções comuns [a noção de] que, se somarmos iguais a iguais, as [figuras e números] que daí resultarem serão iguais, e coisas semelhantes; a partir das quais facilmente se demonstra que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos etc. E, por conseguinte, persuade-se de que estas e tais coisas são verdadeiras durante todo o tempo em que atenta para as premissas das quais as deduziu. Mas, porque não pode sempre atentar para elas, quando se recorda depois de que ainda não sabe se porventura foi criada provida de tal natureza que se engane também nas coisas que lhe aparecem [como⁴] as mais evidentes, vê que duvida justificadamente de tais coisas, e que não pode ter qualquer ciência certa antes de vir a conhecer o autor de sua origem.

XIV

Que a partir do fato de que a existência necessária está contida em nosso conceito de Deus, corretamente se conclui que Deus existe.

Ao considerar em seguida que, entre as diversas idéias que tem dentro de si, uma é a de um ente sumamente inteligente, sumamente poderoso e sumamente perfeito, a qual é de longe a mais destacada de todas, [a mente] reconhece na mesma uma existência não meramente possível e contingente, como nas idéias de todas as outras coisas que percebe distintamente, mas absolutamente necessária e

(4) “Appareo/apparere” não significa parecer mas aparecer no sentido de tornar-se visível, presente, ou de apresentar-se. No sentido figurado significa ser visível, ficar claro. A expressão “aparecer como” respeita a norma gramatical. Numa tradução literal, talvez mais conforme ao sentido desse texto, mas desrespeitosa da regência gramatical, dir-se-ia: “... aparecer as mais evidentes...”.

percipiat in idea trianguli necessario contineri, tres ejus angulos aequales esse duobus rectis, plane sibi persuadet triangulum tres angulos habere aequales duobus rectis; ita ex eo solo, quod percipiat, existentiam necessariam & aeternam in entis summe perfecti idea contineri, plane concludere debet, ens summe perfectum existere.

XV

Non eodem modo in aliarum rerum conceptibus existentiam necessariam, sed contingentem duntaxat contineri.

Magisque hoc credet, si attendat nullius alterius rei ideam apud se inveniri, in qua eodem modo necessariam existentiam contineri animadvertat. Ex hoc enim intelliget, istam ideam entis summe perfecti non esse a se effictam, nec exhibere chimaericam quandam, sed veram & immutabilem naturam, quaeque non potest non existere, cum necessaria existentia in ea contineatur.

XVI

Praejudicia impedire, quominus ista necessitas existentiae Dei, ab omnibus clare cognoscatur.

Hoc, inquam, facile credet mens nostra, si se prius omnino praejudiciis liberarit. Sed quia sumus assueti, reliquis omnibus in rebus essentiam ab existentia distinguere; atque etiam varias ideas rerum, quae nusquam sunt, aut fuerunt, ad arbitrium effingere, facile contingit, cum in entis summe perfecti contemplatione non sumus plane defixi, ut dubitemus, an forte ejus idea una sit ex iis, quas ad arbitrium effinximus, aut saltem, ad quarum essentiam existentia non pertinet.

eterna. E, do mesmo modo que, por exemplo, a partir do simples fato de perceber que na idéia de um triângulo está contido que os três ângulos dele são iguais a dois retos, persuade-se cabalmente de que o triângulo tem três ângulos iguais a dois retos, assim também, a partir do simples fato de perceber que uma existência necessária e eterna está contida na idéia de um ente sumamente perfeito, deve concluir cabalmente que existe um ente sumamente perfeito.

XV

Que uma existência necessária não está contida do mesmo modo nos conceitos das outras coisas, mas apenas uma existência contingente.

E [a mente] há de crer nisso [ainda] mais se atentar para o fato de que nenhuma idéia de outra coisa nela se encontra na qual observe que uma existência necessária está contida do mesmo modo [que na idéia de Deus]. Com efeito, entenderá a partir disso que essa idéia de um ente sumamente perfeito não é forjada por ela nem exhibe alguma natureza quimérica, mas uma verdadeira e imutável natureza e que não pode deixar de existir, visto que nela está contida uma existência necessária.

XVI

Que os prejuízos impedem que essa necessidade da existência de Deus seja claramente conhecida por todos.

Nisso, diria, com facilidade há de crer nossa mente, se antes se liberar totalmente dos prejuízos. Mas, porque estamos acostumados a distinguir em todas as outras coisas a essência da existência e também forjar arbitrariamente várias idéias de coisas que não existem ou existiram em qualquer lugar, facilmente acontece, quando não estamos inteiramente fixados na contemplação do ente sumamente perfeito, que duvidamos se porventura sua idéia não seria uma daquelas que forjamos arbitrariamente, ou pelo menos [uma] a cuja essência não pertence a existência.

XVII

Quo cujusque ex nostris ideis objectiva perfectio major est, eo ejus causam esse debere majorem.

Ulterius vero considerantes ideas, quas in nobis habemus, videmus quidem illas, quatenus sunt quidam modi cogitandi, non multum a se mutuo differre, sed quatenus una unam rem, alia aliam repraesentat, esse valde diversas; & quo plus perfectionis objectivae in se continent, eo perfectiorem ipsarum causam esse debere. Nam quemadmodum, si quis in se habet ideam alicujus machinae valde artificiosae, merito quaeri potest, quaenam sit causa a quae illam habet; an nempe viderit alicubi talem machinam ab alio factam; an mechanicas scientias tam accurate didicerit, anve tanta sit in eo ingenii vis, ut ipsam nullibi unquam visam per se excogitare potuerit? Totum enim artificium quod in idea illa objective tantum, sive tanquam in imagine continetur, debet in ejus causa, qualiscunque tandem sit, non tantum objective sive repraesentative, saltem in prima & praecipua, sed reipsa formaliter aut eminenter contineri.

XVIII

Hinc rursus concludi Deum existere.

Sic, quia Dei, sive entis summi ideam habemus in nobis, jure possumus examinare, a quam causa illam habeamus; tantamque in ea immensitatem inveniemus, ut plane ex eo simus certi, non posse illam nobis fuisse inditam, nisi a re in qua sit revera omnium perfectionum complementum, hoc est, nisi a Deo realiter existente. Est enim lumine naturali notissimum, non modo a nihilo nihil fieri; nec id quod est perfectius ab eo quod est minus perfectum, ut a causa

XVII

*Que quanto maior é a perfeição objetiva de cada uma de nossas idéias,
tanto maior deve ser [a perfeição de] sua causa⁵.*

Além disso, ao considerar as idéias que temos em nós, vemos, de fato, que essas, na medida em que são certos modos de pensar, não diferem muito uma das outras, mas são muito diversas na medida em que uma representa uma coisa e outra, outra coisa; e que, quanto mais perfeição objetiva contém em si, tanto mais perfeita deve ser a sua causa. Pois, como é que alguém, tendo em si a idéia de uma máquina muito artificiosa, pode corretamente perguntar qual é, afinal, a causa por que a tem (a saber, se ele viu em algum lugar semelhante máquina feita por outro; ou se aprendeu tão acuradamente as ciências mecânicas, ou se a força do talento é tão grande nele que pôde por si [só] inventá-la sem a ter visto jamais em qualquer lugar)? Pois, todo o artifício que está contido naquela idéia apenas de maneira objetiva ou como que em imagem deve estar contido em sua causa, qualquer que ela seja afinal, não apenas de maneira objetiva, ou representativa, mas na coisa mesma formal ou eminentemente, ao menos na [causa] primeira e principal.

XVIII

Que daí, mais uma vez, se conclui que Deus existe.

Assim, porque temos em nós a idéia de Deus, ou de um ente supremo, podemos com razão examinar mediante que causa, afinal, temos essa idéia; e nela encontraremos tamanha imensidão que isso nos dará a certeza absoluta de que ela não poderia ter sido posta em nós senão pela coisa na qual houvesse verdadeiramente uma completude de todas as perfeições, isto é, senão por um Deus realmente existente. Com efeito, é extremamente bem conhecido pela luz natu-

(5) Literalmente, a tradução seria “tanto maior deve ser sua causa”

efficiente & totali produci; sed neque etiam in nobis ideam sive imaginem ullius rei esse posse, cujus non alicubi, sive in nobis ipsis, sive extra nos, Archetypus aliquis omnes ejus perfectiones reipsa continens, existat. Et quia summas illas perfectiones, quarum ideam habemus, nullo modo in nobis reperimus, ex hoc ipso recte concludimus eas in aliquo a nobis diverso, nempe in Deo, esse; vel certe aliquando fuisse; ex quo evidentissime sequitur, ipsas adhuc esse.

XIX

Etsi Dei naturam non comprehendamus, ejus tamen perfectiones omni alia re clarius a nobis cognosci.

Hocque satis certum est & manifestum, iis qui Dei ideam contemplari, summasque ejus perfectiones advertere sunt assueti. Quamvis enim illas non comprehendamus, quia scilicet est de natura infiniti, ut a nobis, qui sumus finiti, non comprehendatur, nihilominus tamen ipsas clarius & distinctius quam ulla res corporeas intelligere possumus, quia cogitationem nostram magis implent, suntque simpliciores, nec limitationibus ullis obscurantur.

XX

Nos non a nobis ipsis, sed a Deo factos, eumque proinde existere.

Quia vero non omnes hoc advertunt; atque etiam quia non, quemadmodum habentes ideam artificiosae alicujus machinae, scire solent undenam illam acceperint, ita etiam recordamur ideam Dei nobis aliquando a Deo advenisse, utpote quam semper habuimus; quaerendum adhuc est, a

ral que não só pelo nada nada se faz, nem se produz o que é mais perfeito por aquilo que é menos perfeito (enquanto causa eficiente e total), mas também que em nós não pode haver idéia, ou imagem, de qualquer coisa, da qual não exista algures, seja em nós mesmos, seja fora de nós, algum Arquétipo que contenha em sua própria realidade todas as perfeições dela. E porque essas supremas perfeições das quais temos uma idéia, de nenhum modo as encontramos em nós, concluimos corretamente disso mesmo que elas existem em algo diverso de nós, a saber, em Deus, ou certamente existiram alguma vez; do que se segue da maneira a mais evidente que elas ainda existem.

XIX

Que, embora não compreendamos a natureza de Deus, ainda assim suas perfeições são mais claramente conhecidas por nós do que toda outra coisa.

E isso é bastante certo e manifesto para aqueles que estão acostumados a contemplar a idéia de Deus e a notar suas perfeições supremas. Com efeito, muito embora não as compreendamos, porque obviamente é da natureza do infinito que não seja compreendido por nós, que somos finitos, contudo, não obstante isso, podemos entendê-las com mais clareza e distinção do que quaisquer coisas corpóreas, porque enchem mais o nosso pensamento e são mais simples, nem se deixam obscurecer por quaisquer limitações.

XX

Que fomos feitos, não por nós mesmos, mas por Deus, e que, por conseguinte, ele existe.

Mas porque nem todos se dão conta disso e também porque, diversamente daqueles que têm a idéia de alguma máquina artificiosa [e que] soem saber de onde a receberam, não nos recordamos de que a idéia de Deus nos tenha advindo em algum momento de Deus (visto que sempre a tivemos), deve-se investigar

quonam simus nos ipsi, qui summarum Dei perfectionum ideam in nobis habemus. Nam certe est lumine naturali notissimum eam rem, quae novit aliquid se perfectius, a se non esse: dedisset enim ipsa sibi omnes perfectiones, quarum ideam in se habet; nec proinde etiam posse ab ullo esse, qui non habeat in se omnes illas perfectiones, hoc est, qui non sit Deus.

XXI

*Existentiae nostrae durationem sufficere,
ad existentiam Dei demonstrandam.*

Nihilque hujus demonstrationis evidentiam potest obscurare, modo attendamus ad temporis sive rerum durationis naturam; quae talis est, ut ejus partes a se mutuo non pendeant, nec unquam simul existant; atque ideo ex hoc quod jam simus, non sequitur nos in tempore proxime sequenti etiam futuros, nisi aliqua causa, nempe eadem illa quae nos primum produxit, continuo veluti reproducat, hoc est, conservet. Facile enim intelligimus nullam vim esse in nobis, per quam nos ipsos conservemus; illumque in quo tanta est vis, ut nos a se diversos conservet, tanto magis etiam se ipsum conservare, vel potius nulla ullius conservatione indigere, ac denique Deum esse.

XXII

*Ex nostro modo existentiam Dei cognoscendi, omnia ejus attributa
naturalis ingenii vi cognoscibilia simul cognosci.*

Magna autem in hoc existentiam Dei probandi modo, per ejus scilicet ideam, est praerogativa: quod simul quisnam sit, quantum naturae nostrae fert infirmitas agnoscamus: Nempe ad ejus ideam nobis ingentam respicientes,

ainda por quem afinal existimos nós mesmos, que temos em nós a idéia das supremas perfeições de Deus. Com efeito, é, decerto, extremamente bem conhecido pela luz natural que a coisa que conhece algo mais perfeito do que ela não existe por si (pois ela própria ter-se-ia dado todas as perfeições cuja idéia tem dentro de si) nem tampouco, por conseguinte, pode existir por qualquer um que não tenha em si todas aquelas perfeições, isto é, que não seja Deus.

XXI

Que a duração de nossa existência é suficiente para demonstrar a existência de Deus.

E nada pode obscurecer a evidência dessa demonstração, contanto que atenemos para a natureza do tempo ou da duração das coisas, que é tal que suas partes não dependem de si mutuamente, nem jamais existem simultaneamente; e, por isso, do fato que existimos agora não se segue que também haveremos de existir no tempo imediatamente seqüente, a não ser que alguma causa, a saber, aquela mesma que primeiro nos produziu, como que [nos] reproduza continuamente, isto é, [nos] conserve. Pois facilmente entendemos que não há força alguma em nós pela qual nos conservemos a nós mesmos; e que aquele, no qual a força é tão grande que nos conserva diversos dele, tanto mais se conserva também a si mesmo, ou melhor, não carece de conservação alguma [da parte] de quem quer que seja e, por conseguinte, é Deus.

XXII

Que, a partir de nosso modo de conhecer a existência de Deus, se conhecem ao mesmo tempo todos os seus atributos cognoscíveis pela força do talento natural.

Há, porém, uma grande vantagem nesse modo de provar a existência de Deus, a saber, por sua idéia: que ao mesmo tempo venhamos a conhecer, tanto

videmus illum esse aeternum, omniscium, omnipotentem, omnis bonitatis veritatisque fontem, rerum omnium creatorem, ac denique illa omnia in se habentem, in quibus aliquam perfectionem infinitam, sive nulla imperfectione terminatam, clare possumus advertere.

XXIII

Deum non esse corporeum, nec sentire ut nos, nec velle malitiam peccati.

Nam sane multa sunt, in quibus etsi nonnihil perfectionis agnoscamus, aliquid tamen etiam imperfectionis sive limitationis deprehendimus; ac proinde competere Deo non possunt. Ita in natura corporea, quia simul cum locali extensione divisibilitas includitur, estque imperfectione esse divisibilem; certum est, Deum non esse corpus. Et quamvis in nobis perfectio quaedam sit, quod sentiamus, quia tamen in omni sensu passio est, & pati est ab aliquo pendere, nullo modo Deum sentire putandum est; sed tantummodo intelligere & velle: Neque hoc ipsum ut nos, per operationes quodammodo distinctas, sed ita, ut per unicam, semperque eandem & simplicissimam actionem, omnia simul intelligat, velit & operetur. Omnia, inquam, hoc est, res omnes: neque enim vult malitiam peccati, quia non est res.

XXIV

A Dei cognitione ad creaturarum cognitionem perveniri, recordando eum esse infinitum, & nos finitos.

Jam vero, quia Deus solus omnium, quae sunt aut esse possunt, vera est causa; perspicuum est optimam philosophandi viam nos sequuturos, si ex ipsius Dei cognitione rerum ab eo creaturarum explicationem deducere conemur, ut ita scientiam perfectissimam, quae est effectuum per causas,

quanto o permite a fraqueza de nossa natureza, quem é ele afinal. Com efeito, ao considerarmos a sua idéia em nós ingênita, vemos que ele é eterno, onisciente, onipotente, fonte de toda bondade e verdade, criador de todas as coisas e, por fim, tendo em si todas aquelas coisas nas quais podemos notar claramente alguma perfeição infinita, ou seja, que não é limitada por imperfeição alguma.

XXIII

*Que Deus não é corpóreo, nem sente como nós,
nem quer a malícia do pecado.*

Pois há seguramente muitas coisas nas quais, se bem que venhamos a reconhecer nelas alguma perfeição, constatamos, no entanto, também alguma imperfeição ou limitação; e [que], por conseguinte, não podem convir a Deus. Assim, porque na natureza corpórea está incluída a divisibilidade simultaneamente com a extensão local, e ser divisível é uma imperfeição, é certo que Deus não é um corpo. E, conquanto em nós seja uma certa perfeição o fato de sentirmos, porque, no entanto, em todo sentido há uma paixão, e ser passivo é depender de algo, de modo algum deve se considerar que Deus sente, mas tão-somente que entende e quer: e isso mesmo não como nós, por operações de certo modo distintas, mas de tal modo que, por uma única e sempre a mesma e simplicíssima ação, simultaneamente entende, quer e opera tudo. “Tudo”, isto é, eu diria, todas as coisas; e [Deus] não quer, pois, a malícia do pecado, porque não é coisa.

XXIV

*Que do conhecimento de Deus se chega ao conhecimento das
criaturas, recordando que ele é infinito e nós, finitos.*

Ora, porque só Deus é a verdadeira causa de todas as coisas que são ou podem ser, está claro que haveremos de seguir a melhor via do filosofar, se nos esforçarmos por deduzir do conhecimento de Deus mesmo a explicação das coisas

ANALYTICA

volume2
número1
1997

acquiramus. Quod ut satis tuto & sine errandi periculo aggrediamur, ea nobis cautela est utendum, ut semper quàm maxime recordemur, & Deum autorem rerum esse infinitum, & nos omnino finitos.

PRIMEIRA PARTE DOS PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA

por ele criadas, a fim de assim adquirirmos a mais perfeita das ciências, que é a dos efeitos pelas causas. Para empreender isso com bastante segurança e sem perigo de errar, devemos usar de uma cautela que seja tal que recordemos sempre [e] o mais que possível não só que Deus, autor das coisas, é infinito, mas também que nós somos em tudo finitos.

ANALYTICA
volume2
número1
1997

- Adverto, ere:* notar (§5)
Agnosco, ere: vir a conhecer (§8, §13, §14).
Animadverto, ere: observar (§15).
Apud (se): dentro (de si); em (si), nela (§14, §15).
Assuetus: acostumado (§16).
Attendo, ere: atentar (§13, §15).
Censeo, ere: estimar (§10).
Circumspicio, ere: olhar em redor em todas as direções (§13).
Cognitio: conhecimento (§7, §10).
Cognosco, ere: conhecer (§8).
Comprehendo, ere: compreender (cf. *concipere, intelligere*).
Concipio, ere: conceber (cf. *comprehendere, intelligere*).
Considero, are: considerar (§14, §17).
Contingo, ere: acontecer (§5, §16).
Decipio, ere: iludir (§4).
Deprehendo, ere: constatar (§11).
Effingo, ere: forjar (§15, §16).
Exploro, are: averiguar (§6).
Fallax: enganador (§6).
Fallo, ere: enganar (§5, §11).
In (se): em (si), dentro (de si) (§13).
Infans: ingênuo (§1)¹.

(1) *Infans*, pode ser usado em latim tanto como um substantivo, quando designa uma criança e, em especial, a criança muito pequena que ainda não aprendeu a falar, quanto como

Innotesco, ere: vir a ser conhecido (§12).

Ingenium: talento

Intelligo, ere: entender (cf. *concipere, comprehendere*).

Judico, are: julgar.

Nosco, ere: conhecer (§13).

Notitia: conhecimento (§10).

Per se notus: conhecido por si²

Praecipua: mais destacada (§14), principal (§17).

Puto, are: pretender (§5), julgar (§7), considerar (§ 23).

Realiter: realmente (§18).

Reipsa: na coisa mesma (§17, §18).

Revera: realmente (§18).

Usus vitae: prática da vida (§3).

Vis: poder (§17).

adjetivo, quando tem o sentido seja de “incapaz de falar”, “mudo”, “sem eloquência”, seja de “infantil”, “bobo”, “tolo”, “ingênuo”. A tradução literal “nascemos crianças” é evitada pelos tradutores de Descartes por razões óbvias: dizer que nascemos crianças não acrescenta nenhuma informação nova além da constatação de que nascemos ou de que já fomos crianças. Por isso, desde a primeira tradução francesa, os tradutores modificam o texto de Descartes e fazem-no dizer, assim por exemplo, o *abbé Picot*, que “fomos crianças antes de ser homens” (“*Nous avons été enfants avant que d’être hommes*”), ou como *Ross*, que “fomos crianças uma vez” (“*We have once on a time been children*”), ou ainda como *Cottingham et al.*, que “começamos a vida como crianças” (“*We have begun life as children*”). Visto que é um princípio de nossa tradução dar uma versão tão literal quanto possível (isto é, quando o permita o sentido do texto e a clareza da expressão portuguesa) e visto que é possível dar uma tradução literal do texto, sem modificá-lo, preferimos ler “infantes” como um adjetivo.

(2) Embora a tradução usual seja “evidente”, termo este que reservamos para o correspondente termo latino *evidens* (§10, §5).